

# PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DIANTE DA INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

**Atos Prinz Falkenbach**

Centro Universitário Univates, Lajeado, Rio Grande do Sul, Brasil

**Elaine Regina Lopes**

Centro Universitário Metodista - IPA, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

## Resumo

O estudo — qualitativo na modalidade de estudo do caso — investiga a compreensão de professores diante da inclusão de alunos com deficiência visual (DV) em escola pública estadual. Participam um professor de educação física e uma professora da educação infantil. Os instrumentos de coleta de informações são observações e entrevistas. Os resultados foram organizados em categorias como: a) apoio e recursos aos professores de alunos com DV na escola e na educação física; b) participação dos alunos nas aulas da escola e educação física; c) vivências de inclusão na sala de aula e Educação Física. O estudo contribui com a pedagogia da inclusão, com interpretações das vivências de inclusão sob a ótica de professores que possuem alunos com DV na escola e na Educação Física.

**Palavras-chave:** Educação Física – Inclusão - Deficiência Visual - Formação Docente

---

## Introdução

O estudo aborda o tema da inclusão na escola comum, mais especificamente a área da Educação Física e a inclusão de alunos com deficiência visual (DV). O desenvolvimento do estudo foi realizado em uma escola pública da Rede de Ensino Estadual de Porto Alegre no Rio Grande do Sul. A escola estadual é classificada como inclusiva, pois recebe e educa alunos com DV de diferentes níveis de ensino em conjunto com alunos sem deficiência. Nesse contexto, preocupamo-nos em estudar a particularidade da área da Educação Física, ou seja, como os professores compreendem o processo e a experiência de serem professores que ministram aulas para alunos com DV incluídos na classe comum.

Outro fato importante a destacar nessa introdução está relacionado ao histórico da Educação Física na escola cuja realidade sempre foi de

distanciamento de uma prática inclusiva, uma vez que ainda estão presentes as dispensas de alunos com deficiências da prática regular nas aulas de Educação Física no contexto educacional. Tal realidade depõe contra a educação física quando a atualidade requisita a inclusão de alunos com deficiência na classe comum. Outro fato a ser destacado está relacionado ao histórico das produções acadêmicas da Educação Física na área, pois essa disciplina possui uma larga produção em relação ao tema do esporte adaptado para pessoas com deficiência, mas ainda é frágil de produção acadêmica quando se volta aos estudos da sua inclusão na escola comum (FALKENBACH, BATISTELLI e ELOY, 2006).

Mas o histórico de dificuldades em relação à inclusão não está apenas relacionado à Educação Física, pois a própria escola apresenta dificuldades e progressos que são recentes na prática educativa de inclusão e isso está relacionado desde questões conceituais até as sociais que imprimem um modo cultural segregador.

Ao longo da história da humanidade, diferentes conceitos fizeram com que pessoas com deficiências sofressem com preconceitos e discriminação. Era comum o fato de estarem em situação de segregação, vivendo longe do convívio da sociedade. Na área da inclusão e deficiência visual, iniciativas como “Instituto dos Meninos Cegos/RJ”<sup>1</sup>, Lei 9.394/96-Brasil<sup>2</sup>, Instituto Santa Luzia/RS<sup>3</sup>, Louis Braille/França<sup>4</sup>, mostraram novos caminhos na acessibilidade ao ensino, oportunizando momentos interação, mas ainda em contextos especializados para pessoas com deficiência visual, distanciados de um modelo inclusivo.

Em um modelo de sociedade inclusiva parece ser consenso a ideia de que é preciso reconhecer as diferentes potencialidades de cada ser humano, as pequenas conquistas valorizadas e considerar o processo durante a aprendizagem, pois cada momento é importante e serve co-

---

1-Criado pelo Imperador D.Pedro II através do Decreto Imperial n.º 1.428, de 12 de setembro de 1854. Hoje, Instituto Benjamin Constant.

2-Art. 5º “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade (...)”

3-Nasceu em 1941, por inspiração de Lydia Moschetti, com o objetivo de abrigar deficientes visuais.

4-1825 - Sistema Braille/França- A escrita braille é realizada por meio de uma reglete e punção ou de uma máquina de escrever Braille.

mo estímulo para desenvolver novos conhecimentos.

Profeta (2007) explica que o ato de educar todos os alunos no ensino regular e propiciar a eles oportunidades iguais implica em ações complexas e desafiadoras que o ensino formal e seus professores talvez não queiram enfrentar, uma vez que o enfrentamento requisita a responsabilidade coletiva da escola, como apoio de uns aos outros em trocas de experiência e de recursos para essa finalidade. Não é tarefa elementar, mas enriquecedora de um contexto que se intitula educativo.

Vygotsky (1997) concentrou sua atenção nas habilidades que crianças com deficiências possuem e que poderiam formar a base para o desenvolvimento de suas capacidades. Este psicólogo soviético interessava-se mais por suas forças do que por suas deficiências. São processos compensatórios que não poderiam existir caso não houvesse a deficiência. Sacks (2000) explica que as capacidades surgem em razão da deficiência. Nesse prisma o autor destaca que não interessa que deficiência tem a criança, mas que criança tem deficiência.

A teoria da zona de desenvolvimento proximal de Vygotsky (2000) ensina que tudo aquilo o que a criança é capaz de realizar com ajuda, há boas probabilidades de que amanhã poderá exercê-lo sozinha. O ensejo da teoria de Vygotsky ajuda a entender que os procedimentos pedagógicos inclusivos necessitam tomar como apoio as relações sociais e cooperativas. O autor ainda comenta como os parceiros mais hábeis podem ser guias, modelos, orientação para as crianças em processos de aprendizagem. Adotando-se esse princípio ao processo de aprendizagem da Educação Física para crianças com deficiência visual, fica evidente que os modelos e as ajudas serão necessários, menos no sentido de dar assistência e mais em evidenciar desafios, provocar relações e estabelecer estratégias de ajuda, que podem auxiliar em favorecer aprendizagens e novos movimentos por meios do auxílio no grupo de colegas.

Seguindo o pensamento de Vygotsky, Melo (2004) vai enfatizar que a pessoa com deficiência visual na prática de atividades físicas necessita de intervenções educacionais mais próximas das suas reais necessidades e que as limitações da deficiência não podem tornar-se um impedimento para expressar potencialidades e aprendizagens motoras em diversas formas de movimento. Avaliamos que as palavras de Melo são relevantes para entender que há na Educação Física o pensar inclusivo e que favorece a participação de deficientes visuais, compre-

endendo seus desejos e vontades em participar de atividades práticas.

Os conceitos de Vygotsky (1997) relacionados ao contexto educacional podem orientar o professor quanto ao uso de estratégias sociais de compartilhamento e de interação entre alunos com diferentes níveis de desenvolvimento. Vygotsky entende a interação social como o meio em que o ser humano se constitui como sujeito, pois o processo interativo permite aos alunos aprenderem novos modelos, orientações, estímulos e outros que avançam na condição de novas zonas de desenvolvimento proximal. São orientações teóricas importantes porque valorizam as diferenças e as reconhecem como possibilidades de aprendizagens e avanços culturais nos alunos e professores.

### **Docência e formação com aderência ao processo da inclusão**

As orientações de Vygotsky previamente apresentadas necessitam estar no decurso da formação docente para o processo da inclusão. É verdade que os obstáculos podem ser inúmeros, mas sem o envolvimento de toda a comunidade escolar, tornam-se ainda mais numerosos. Freitas (2006) explica que a formação dos professores voltada ao tema da inclusão é insuficiente. A inclusão sem disponibilizar profissionais especializados, somada ao desconhecimento, pode contribuir com uma realidade em que as escolas recebam alunos com deficiências e que, em consequência os docentes podem descobrir, na prática, como atuar com diferentes alunos com deficiências.

Frente à necessidade de adaptar o ambiente escolar e de lidar com a novidade recente da inclusão, alunos e docentes apresentam como consequência a desmotivação, a conformidade e, somente durante a convivência diária, descobrem o que deveria ser a base da preparação profissional, ou seja, da formação inicial e permanente.

“[...] face às correntes mais atualizadas de formação de professores, recomenda-se a experiência de casos com recurso a análises críticas resultantes de observações e de reflexões nos seguintes domínios: teorias do comportamento (Erikson); modelos de desenvolvimento (Piaget, Wallon, Luria); observação e caracterização psicopedagógica” (FONSECA, 1995, p.64).

Os conteúdos na formação de professores são os mais diversos, mas há a compreensão de que aqueles voltados ao desenvolvimento

humano são fundamentais, porque ajudam os futuros professores a compreenderem o papel das diferenças no processo de aprendizagem e desenvolvimento. Freitas (2006) é da opinião de que a primeira mudança na formação docente é o conhecimento de como o ser humano aprende e se desenvolve independente de sua diversidade ou deficiência. Assim, verificamos que novamente os preceitos de Vygotsky são necessários aos processos de aprendizagem.

Quando a área pedagógica é a Educação Física fica evidenciada a relação da deficiência visual e o desporto adaptado, cuja cultura desportiva é representativa na prática da Educação Física. Os estudos que realizamos a partir das produções na área em pesquisa na página eletrônica da CAPES demonstram distância da Educação Física com o tema da inclusão e maior número de produções na área do desporto adaptado (FALKENBACH, BATISTELLI e ELOY, 2006). Esse indicativo oportuniza refletir que poucos são os deficientes visuais que participam de atividades regulares da Educação Física na escola comum.

O estudo de Melo (2004) na área da Educação Física escolar para alunos com deficiência visual vai chamar a atenção para o espaço educativo com que a prática dessa disciplina pode contribuir na escola especial. Porém somos da opinião que a presença de alunos com deficiência visual na escola comum também é um diferencial que faz avançar as relações de aprendizado tanto motriz como social dos alunos, uma vez que alunos que enxergam podem ser sensibilizados com a presença e relação de alunos com deficiência visual e os últimos aprenderem com a convivência e auxílio dos colegas.

Atualmente sabemos que há uma oferta de capacitação e de cursos voltados para que professores possam atender diferentes alunos em uma prática inclusiva. Juntam-se às capacitações o envolvimento da comunidade que requisitam familiares, amigos, profissionais dedicados para que a capacitação possa ser valorizada durante todo o processo, reforçando assim, conhecimentos na área da inclusão.

São iniciativas relevantes e quando a deficiência em questão é visual o programa de educação inclusiva do MEC/AEE Atendimento Educacional Especializado (AEE)<sup>5</sup> orienta aos professores estratégias de ensino. A orientação básica é de que as crianças com DV operem

---

5-MEC-Brasília/DF– 2007 - [http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/ae-e\\_dv.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/ae-e_dv.pdf)

com dois tipos de conceitos: a) conceitos com significado real para elas a partir de suas experiências; b) conceitos que fazem referência a situações visuais importantes, mas que podem não ser adequadamente compreendidas ou decodificadas, ficando desprovidas de sentido.

Em relação aos conceitos que se referem a situações visuais, as crianças podem utilizar palavras ou expressões descontextualizadas, sem nexos ou significado real, por não basearem-se em experiências diretas e concretas. Esse fenômeno é denominado verbalismo e sua preponderância pode ter efeitos negativos em relação à aprendizagem e ao desenvolvimento.

As informações em relação ao ambiente, quanto aos materiais existentes no espaço, são importantes referências nas quais o deficiente visual terá a mobilidade e orientação, pois, sentindo-se seguro, poderá explorar o ambiente. Sem esgotar estratégias ou orientações de ensino e de inclusão aos professores de alunos com deficiências, passamos ao procedimento metodológico desenvolvido.

## **Metodologia**

A metodologia eleita para o desenvolvimento do estudo é de caráter qualitativo e na modalidade de estudo de caso. Optou-se por essa modalidade de estudo em virtude de que as escolas que recebem alunos com deficiência visual na classe comum serem raras, e mais ainda aquelas onde os alunos com deficiência visual praticam a Educação Física com seus colegas como uma prática inclusiva. Pelo motivo de não ser comum a realidade inclusiva de alunos com deficiência visual na prática regular da Educação Física da escola, optamos por estudar a realidade local da mesma, compreendendo de antemão as limitações que o estudo poderá apresentar, mas observando que essa realidade local contém uma realidade vivenciada, que pode contribuir com os estudos análogos em outros contextos do Brasil e exterior.

O estudo está de acordo com as normas do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Metodista – IPA e em conformidade com a Resolução CNS nº 196/96. O protocolo de aprovação é de número 340/2008 e aprovado em 05/09/2008.

A escola escolhida situa-se em Porto Alegre/RS e integra a Rede Estadual de Ensino. Possui um total de 427 alunos nos turnos da manhã e da tarde. Do total de alunos, a escola possui 12 (doze) alunos com DV. Eles estão distribuídos nos níveis de ensino na composição

que segue: um aluno na Educação Infantil, dois alunos na 2ª Série, um aluno na 3ª Série, um aluno na 4ª Série, cinco alunos na 5ª Série e dois alunos na 7ª Série do Ensino Fundamental.

O número de alunos com deficiência na escola representa um percentual menor que 3% do total de alunos. É possível constatar que o total de alunos com deficiência na escola ainda representa um número bastante abaixo do percentual de pessoas com deficiência no Brasil que é em torno de 14%, apenas para ter um parâmetro.

Após contato e autorizações da escola, iniciamos o procedimento das entrevistas com os professores. Desde o início do exercício de coleta de informações, tivemos presentes algumas orientações de Grigine (1999) para o procedimento das entrevistas e observações como: a) manter uma postura de escuta e receptividade aos participantes do estudo; b) estar livre de preconceitos e sensíveis ao que cada participante nos apresenta para que os registros possam valorizar o tema e retornar ao participante os registros das falas, fato que reforça a confiabilidade do estudo

As entrevistas foram realizadas com o professor de Educação Física e a professora do nível de ensino da Educação Infantil. Ambos foram escolhidos por trabalharem com alunos com deficiência visual incluídos na turma regular da escola. Foram realizadas um total de 6 (seis) entrevistas com os professores. As observações foram desenvolvidas com dois alunos com deficiência visual, ambos com baixa visão: um aluno na Educação Infantil e outro aluno da 7ª Série do Ensino Fundamental.

As observações foram realizadas no processo das aulas de Educação Física, no momento do recreio e sala de aula. O menino da Educação Infantil foi observado na sala de aula, no recreio e na praça de brinquedos com a turma. O menino da 7ª Série do Ensino Fundamental foi observado nas aulas de Educação Física. A pauta das observações com o menino da Educação Infantil foi a relação com o brincar e com os colegas. A pauta de observação em relação ao menino da 7ª Série do Ensino Fundamental também descreve as relações com os colegas e a participação nas aulas de Educação Física.

O processo de coleta de informações permitiu organizar as categorias do estudo que seguem: a) o apoio e os recursos aos professores de alunos com deficiência na prática da inclusão na escola e na Educação Física; b) a participação dos alunos nas aulas da escola e na Educação Física; c) as vivências de inclusão na sala de aula e nas aulas de Edu-

cação Física.

### **O apoio e os recursos aos professores de alunos com DV na prática da inclusão na escola e na Educação Física**

Os professores que ministram aulas para alunos com deficiência na escola comum possuem um papel relevante no processo educativo do coletivo dos alunos da escola. A forma como os professores compreendem o processo de inclusão, a formação pedagógica dos professores e a contínua qualificação são aspectos fundamentais ao sucesso pedagógico da inclusão.

O aspecto a ser ressaltado como resultado do estudo também vai abordar outro componente fundamental no binômio professores/inclusão na escola. Trata-se do apoio e dos recursos aos professores de alunos com deficiência na escola comum. É fato que há inúmeras situações em escolas comuns nas quais os professores se sentem isolados e desassistidos de orientação e apoio quando recebem alunos com deficiências em suas aulas. Nessa circunstância podem se destacar dois tipos de professores: os professores heróis que superam as adversidades em prol da inclusão, ou os professores resistentes que criam barreiras comportamentais para a continuidade de um processo inclusivo (FALKENBACH, BATTISTELLI, MEDEIROS e APELLANIS, 2007).

O apoio escolar aos professores é o processo que os ajuda realmente em suas tarefas pedagógicas de inclusão. É como os professores relatam:

“Quando tem recurso aqui na escola, tem viabilidade, é possível a inclusão. Tem possibilidade. O aluno E. está com medicação, não falava, agora começou a falar, disse o meu nome. No caso dele, a maior dificuldade foi com a mãe. Quando a família não aceita demora-se mais para diagnosticar e ajudar. No caso do R. é diferente, o problema também é visível, a mãe vê fisicamente o problema” (Ent. Professora da Educação Infantil, número 2 em 01/10/2009).

O apoio das professoras especializadas na sala de recursos é, na opinião dos professores, fundamental para o sucesso do processo inclusivo, tanto para a professora da turma da pré-escola como para o

professor de Educação Física da turma de 7ª série, também ressaltam sobre a colaboração de familiares.

O procedimento escolar para a inclusão tem positiva repercussão nos professores entrevistados que se apresentam familiarizados com o processo:

“Com respeito à inclusão são dois momentos: recebemos o apoio das professoras da sala de recursos da escola. Elas nos passam informações, conversamos sobre o aluno, nos indicam o que fazer. Quando o aluno é cego, tem todos recursos ali na sala, é diferente quando outros alunos chegam com outro diagnóstico, não temos conhecimento, mas fazemos o possível para atender” (Ent. Professora da Educação Infantil, número 1, em 03/09/2009).

“Fiz o parecer pedagógico, anexamos com o laudo do neuro e encaminhamos para a secretaria que agendou entrevista para a educação especial. Hoje estou na expectativa, o diagnóstico dele está agendado para as 15:45h, é daqui a pouco. Ele tem 5 anos, é importante saber o diagnóstico correto para poder trabalhar melhor com ele e ajudá-lo” (Ent. Professora da Educação Infantil, número 2, em 01/10/2009).

Os professores da escola possuem um bom retorno no que diz respeito às necessidades relacionadas ao conhecimento das deficiências dos alunos e apoio pedagógico de professoras especializadas em deficiência visual na escola. É um tratamento que deixa professores seguros da realidade inclusiva. Não se trata de uma situação universal em se tratando de inclusão, mas pode servir de destaque no contexto da inclusão, uma vez que poucas escolas possuem um serviço especializado de apoio aos professores da escola. O relato do professor de Educação Física se diferencia do que acabamos de descrever:

“Quando recebi um aluno com diagnóstico de autismo leve, foi conforme a informação da mãe, porque não sei quantos níveis tem de autismo, sem conhecimento o que eu posso fazer? Procuro dar atenção e fazer com que os coleguinhas respeitem ele. No início, enquanto brincávamos de roda, ficava embaixo da mesa, e quando as crianças perguntavam porque ele não partici-

pava, eu dizia que ele estava aprendendo. A família também não aceitava, achavam que não era nada. Agora vai na psicóloga, o que ajudou e fez a diferença, agora participa nas aulas. Com crianças cegas já sabemos, mas nesse caso estamos aprendendo” (Ent. Professor de Educação Física, número 1, em 03/09/2009).

O professor destaca manifesta receptividade aos alunos com diferentes deficiências. Tal aspecto é importante porque se coloca na condição de aprendiz e com sensibilidade ao processo inclusivo. A fala dos professores possibilitou compreender que os professores que recebem alunos com deficiências necessitam do apoio de especialistas em diferentes áreas focadas na inclusão em aulas de Educação Física e na sala de aula. É relevante compreender o quanto o estudo investigativo é provocador a seus participantes também, assim não somente quem investiga adquire conhecimentos, também o participante é provocado a pensar sobre a prática que realiza (NEGRINE, 1999).

### **A participação dos alunos nas aulas da escola e na Educação Física**

A atitude dos professores no que tange à participação dos alunos nas aulas de Educação Física e na sala de aula parece ser decisiva. A atitude relacional dos professores e suas convicções diante do conhecimento da inclusão repercutem significativamente na participação dos alunos com deficiências nas atividades coletivas da aula. Vamos acompanhar e refletir esse conteúdo a partir das falas dos professores.

Na escola em que desenvolvemos o estudo, a professora da Educação Infantil explica que os alunos desse nível não possuem horário específico para a Educação Física, mas que realizam atividades físicas sob sua orientação.

“A pracinha é exclusiva para turma do jardim. Usamos o pátio conforme o cronograma da educação física, normalmente está livre duas vezes por semana, então oriento as atividades com bola, pular em um pé só, imitar animais, caminhar na linha, círculo fora e dentro. Uma brincadeira que eles adoram é a ‘escada’, arrumo as cordas em linhas paralelas e eles pulam com os dois pés juntos” (Ent. Professora da Educação Infantil, número 2, em 01/10/2009).

“Ele (aluno com DV) participa das brincadeiras, não usa a bola com guizo, se vira bem sem o som. É mais difícil nas que exigem mira apurada, como o chute a gol, boliche e corrida com o grupo. Na brincadeira ‘coelho sai da toca’, sair de um lugar para outro é mais fácil. Os colegas envolvem ele nas brincadeiras, exemplo do ‘ovo podre’, nunca fica sem ser escolhido. Ele tem iniciativa e entra no jogo” (Ent. Professora da Educação Infantil, número 2 em 01/10/2009).

O aluno com deficiência visual (DV) na Educação Infantil é, segundo a professora, participativo. Manifesta gosto pelas atividades com movimento e é apoiado pelas crianças da sua turma. Para um aluno com deficiência visual, o menino surpreende a própria professora com suas participações, pois corre de forma dinâmica e parece demonstrar uma ótima orientação do seu espaço. A manifestação do menino apenas não parece surpreender aos colegas que naturalizam a participação. Obviamente um detalhe se mantém, que é o cuidado manifesto pelos colegas para não o deixar de fora das atividades, mas também ele toma as iniciativas e se movimenta no processo de brincar.

Em relação ao menino do Ensino Fundamental o Professor de Educação Física comenta:

“Nos momentos em que participa, e são poucos, os colegas colaboram, são prestativos, cuidam dele. Precisam ter cuidado, mas ele consegue participar. Preciso preparar atividades para a turma aprimorar os sentidos, construir a conscientização, conversar com eles. Inclusão, não se falava quando me formei, era escola especial. Não tive contato. Este ano fiz um curso de informática, para usar a tecnologia, mas falta estrutura” (Ent. Professor de Educação Física número 1, em 28/10/2009).

O menino com deficiência visual do Ensino Fundamental está na Turma da 7ª Série e tem 16 anos. De acordo com o professor ele gosta de computadores, faz consertos. Durante as aulas de Educação Física, circula e conversa com professor e colegas, mas pouco participa ativamente das práticas. Em um momento de observação descrevemos sua participação. É como segue a descrição:

“14:04h O Professor de Educação Física entra na sala do material esportivo e entregou as bolas para a turma que segue direto para as quadras de futebol e basquete. Enquanto o Professor organiza o material na sala, o aluno com DV continuou em pé, parado no meio da sala, com uma mochila nas costas e um guarda-chuva nas mãos, perguntando sobre o computador do professor” (Obs. Professor de Educação Física número 1, em 28/10/2009).

A observação permite entender que o aluno com deficiência visual pouco participa ativamente nas aulas, dá preferência às atividades com o computador, apesar de a escola os haver orientado a não usarem a sala em momentos como o recreio e a aula de Educação Física, para que não haver isolamento do grupo. A escola está correta e segue os pressupostos de Vygotsky (1997) que orienta as inter-relações e o coletivo como meio de aprendizagem. Apesar da orientação é perceptível que o menino ainda resiste em participar nas aulas de Educação Física.

“Ele só usou o aparelho fixo, de estação de força, fez barras, mas não gosta. Já jogou futebol com a bola com guizo. Preciso planejar alguma estratégia para que ele participe, que me ajude com o esporte, por exemplo, da história da educação física, com o computador que é uma coisa que ele gosta” (Ent. Professor de Educação Física, número 4 em 07/12/2009).

O professor é esforçado na busca de possibilidades que envolvam o aluno nas aulas. Porém também fica claro que o professor precisa fazer esforços, o que envolve planejamentos antecipados das aulas. Ainda assim há dificuldades para obter o engajamento do aluno, visto que também o repertório de possibilidades práticas para as aulas em um caráter inclusivo também se esgotam. É o professor quem continua a narrativa:

“Quando jogo com ele, uso a bola com guizo. Como tenho que dar atenção à todos, jogo um pouco com ele e às vezes algum colega joga” (Ent. Professor de Educação Física, número 4, em 07/12/2009).

“Fiz futebol usando vendas em toda a turma, um estagiário me

auxiliou, ele gostou, alguns espiavam, se perderam, falavam muito, não escutavam. Só os meninos participaram. Jogaram uns 15 minutos, então conversamos um pouco, comentei sobre a importância de escutar” (Ent. Professor de Educação Física, número 4, em 07/12/2009).

As narrativas ilustram os entraves pelos quais o professor de Educação Física passa para envolver a turma e incluir o aluno com deficiência visual. Quando Vygotsky (1997) explica que as relações com pessoas com deficiências sempre são especiais é perceptível como isso ocorre na prática. É possível perceber que há um movimento especial do professor e do grupo de alunos na direção da inclusão. Não se trata de um movimento natural, mas de um esforço especial nessa direção, sinal de que a realidade inclusiva ainda é um processo e um exercício de aprendizagem na escola comum.

### **As vivências de inclusão na sala de aula e nas aulas de Educação Física**

As vivências dos professores participantes do estudo são ricas e possuem tanto adversidades como também situações curiosas diante da realidade da inclusão. São fatos que ilustram um pouco do cotidiano dos professores e da necessidade, bem como estão em acordo com o que Freitas (2006) destaca quando explica o fenômeno da inclusão como um componente que humaniza os professores em seu desenvolvimento pessoal e profissional. O professor de Educação Física apresenta suas dificuldades sobre estudar inclusão, bem como as de dialogar com os pares acerca de possibilidades e novas ideias:

“A gente entra no ritmo do dia a dia, é correria. Qual o tempo para trocar ideias com os alunos? Eles estão em aula. Na hora da educação física querem correr, jogar. Precisaria desse tempo para conversar. Tenho que parar para refletir, preciso pensar melhor sobre isto, estou parado, preciso planejar mais” (Ent. Professor de Educação Física, número 4, 07/12/2009).

A fala do professor de Educação Física foi relevante, uma vez que ele expressa também o quanto a nossa ida à escola o fez pensar mais detidamente sobre essa realidade e que antes não o fazia. Quando co-

menta que está parado, faz uma reflexão pessoal importante e que expressa sua vontade de mudar e de adquirir conhecimentos nessa área para melhorar suas atividades docentes.

No nível da Educação Infantil e devido à aparência do aluno com deficiência visual, algumas colegas não interagem durante os primeiros contatos. A convivência foi um ponto importante para a colaboração da turma:

“No início algumas meninas relutavam e não se aproximavam. Hoje já estão acostumadas com a aparência dele. Ele tem interesse nas atividades. Tem dificuldades para recortar, os colegas ajudam e me avisam ‘Profi, ele não tá fazendo’, então eu falo com ele e oriento” (Ent. Professora da Educação Infantil, número 2, em 01/10/2009).

A espontaneidade dos alunos na Educação Infantil também facilitou a relação do aluno com deficiência visual:

“O aluno tem 4% no olho esquerdo e com o direito não enxerga. É uma alteração que todos percebem, pois fez várias cirurgias. Pensei como explicar aos alunos sobre o que houve, mas foi tranquilo. Um colega perguntou direto a ele, no primeiro dia, o que ele tinha na cabeça, eu falei que ele fez cirurgias e por isso era diferente. Os colegas tratam ele normalmente, não tinha amigos, agora tem” (Ent. Professora da Educação Infantil, número 1, em 03/09/2009).

“Quando falei sobre o dia da entrega do boletim, avisei que quando as mães chegassem era para deixar a cadeira pra elas. Então, o colega perguntou a ele ‘a tua mãe vem? Ela é igual a ti ou é como nós?’ Ele respondeu ‘É claro que é igual a vocês’. A mãe dele é interessada, dedicada” (Ent. Professora da Educação Infantil, número 2, em 01/10/2009).

A relação entre as crianças é natural e, se em uma primeira impressão elas podem se distanciar em razão da aparência, em um segundo momento, procuram a aproximação e a tornam favorável. A professora nesses casos precisa apresentar presença e capacidade de discernimento para conduzir as relações entre as crianças para que possam aceitar

e interagir com naturalidade. O entendimento das convicções de Vygotsky (2000), acerca da teoria da zona de desenvolvimento proximal, auxilia o professor a desenvolver crenças no processo relacional de crianças com diferentes níveis de desenvolvimento em prol da aprendizagem.

### **Considerações finais**

O tema da inclusão requisita contínuo estudo e deve ser lembrado e refletido por aqueles que estão diante da prática, seja na sala de aula, seja nas aulas de Educação Física com a presença de alunos com deficiências. A realidade da inclusão é contrária à acomodação, provoca manifestações e posições dos professores diante de sua presença. É verdade que os professores nas escolas ainda encontram suas dificuldades, bem como não participaram de um processo formativo voltado para inclusão, mas uma coisa é certa, são professores que se manifestam em razão de suas necessidades pedagógicas, na busca de soluções, porque suas realidades os empurram ao diálogo e aos contínuos estudos da área.

De acordo com a realidade da inclusão dos alunos com deficiência visual na escola comum e do desafio dos professores nesse sentido, foi possível destacar no presente estudo:

- a) os professores sentem necessidade do apoio escolar, do coletivo de professores e da comunidade, não podem ficar sós diante da prática com os alunos;
- b) os recursos aos professores de alunos com deficiência visual são escassos e partem da capacidade dos professores gerenciarem suas próprias necessidades pedagógicas. A criatividade e a improvisação são as experiências realizadas na prática, é desse modo que os professores acabam sentindo-se mais ou menos aptos ao trabalho com a inclusão;
- c) a participação dos alunos nas aulas de Educação Física é diferente, alunos da Educação Infantil manifestaram melhor receptividade e acompanhamento ao colega com deficiência visual, mesmo que ao início estavam distantes, a ajuda da professora viabilizou o sucesso nas relações
- d) em relação aos alunos do Ensino Fundamental foi perceptível que apesar de reconhecerem as necessidades de relacionarem-se com o colega, a tarefa não é realizada naturalmente, e há resistências;
- e) o aluno com deficiência visual do Ensino Fundamental apresentou

também menor desenvoltura nas práticas da Educação Física do que o aluno da Educação Infantil, que demonstrou gostar de movimento e de praticar atividades com os colegas.

As realidades de uma prática de inclusão são diversas e nunca podem ser comparadas umas as outras, estão presas ao seu espaço e ao seu tempo. A inclusão de alunos com deficiência visual nos demonstra esse movimento intenso da inclusão nas escolas, nas práticas e na relação com os professores e com os alunos. Estar ciente desse movimento é reconhecer o processo de contínuo melhoramento que requisita a educação e a formação dos professores.

---

### **Teachers of physical education facing the inclusion of students with visual impairment**

#### **Abstract**

The study investigates the understanding of teachers facing the inclusion of students with visual impairment (VI) in state public school. A physical education teacher and a professor of early childhood education Participated of this study. Study is qualitative in the modality of case study. The instruments of information collection are observations and interviews. The results were organized in categories such as: a) support and resources for teachers of students with VI in school and physical education, b) participation of students in school classes and physical education, c) experiences of inclusion in the classroom and physical education. The study contributes with the pedagogy of inclusion, with interpretations of the experiences of inclusion from the perspective of teachers who have students with VI in school and physical education.

**Keywords:** Physical Education - Inclusion - Visual Impairment - Teacher Training

### **Profesores de educación física delante la inclusión de alumnos con deficiencia visual**

#### **Resumen**

El estudio investiga la comprensión de los profesores de la inclusión de alumnos con deficiencia visual (DV) en escuela pública. Participan um profesor (Educación Física) y una profesora (Educación Infantil). Estudio cualitativo en la modalidad estudio de caso. Los instrumentos de colección de información son observaciones y entrevistas. Son categorías del estudio: a) ayuda y recursos a los profesores en la escuela y la educación física; b) participación de los alumnos en las clases y la educación física; c) experiencias de la inclusión en sala de clase y educación física. El estudio contribuye con el pedagogía de la inclusión, con las interpretaciones de las experiencias de la inclusión bajo óptica de los profesores que poseen alumnos con DV en la escuela y la educación física.

**Palabras clave:** Educación Física – Inclusión - Deficiencia Visual - Formación Docente

## Referências

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394/96, Brasília, 1996.

FALKENBACH, A. P. et al. A questão da integração e da inclusão nas aulas de educação física. **Lecturas: Educación Física y Deportes**. Buenos Aires, v. 11, n. 106, mar. 2007. Disponível em: <<http://www.ef-deportes.com/efd106.htm>>. Acesso em: 14 novembro 2009.

FALKENBACH, A. P.; BATTISTELLI, G.; ELOY, D. Inclusão e necessidades especiais na produção de conhecimento na educação física. **Revista Temas sobre Desenvolvimento**. São Paulo, v. 15, n. 87-88, p. 51-55, jul./out., 2006.

FONSECA, V. **Educação especial: programa de estimulação precoce**. Porto Alegre: Artmed, 1995.

FREITAS, S. N. A formação de professores na educação inclusiva: construindo a base de todo o processo. In RODRIGUES, D. **Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo: Summus, 2006. p. 161-182.

MELO, J. P. O ensino da educação física para deficientes visuais. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 25, n. 3, p. 117-131, maio, 2004.

NEGRINE, A. S. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In MOLINA NETO, V. e TRIVIÑOS, A. **A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: UFRGS, 1999. p. 61-94.

PROFETA, M. S. A inclusão do aluno com deficiência visual no ensino regular. In MASINI, E. F. S. **A pessoa com deficiência visual: um livro para educadores**. São Paulo: Vetor, 2007. p. 209-236.

SACKS, O. **Um antropólogo em Marte: sete histórias paradoxais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VYGOTSKY, L. S. **Obras escogidas: fundamentos de defectología**. Tomo V. Madrid: Visor, 1997.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

---

Recebido em: 03/04/2010

Revisado em: 06/05/2010

Aprovado em: 20/09/2010

**Endereço para correspondência**

aprinz@uol.com.br

Atos Prinz Falkenbach

Centro Universitário Univates

Rua Avelino Tallini, 171, Universitário

95900-000 - Lajeado, RS - Brasil - Caixa-Postal: 155